

## A EXPANSÃO DA PSICANÁLISE NO CONTEXTO HOSPITALAR: UMA ANÁLISE QUALITATIVA DOS ÚLTIMOS 10 ANOS

DOI: 10.5281/zenodo.14740664

Floyd Siqueira Campos<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo analisa a presença e atuação da psicanálise no contexto hospitalar ao longo dos últimos 10 anos. A pesquisa, fundamentada em uma revisão bibliográfica qualitativa, revela a crescente integração da psicanálise como ferramenta terapêutica complementar, explorando não apenas sua aplicação em pacientes, mas também nas demandas da equipe multidisciplinar. A análise destaca a complexidade do ambiente hospitalar, exigindo adaptações nas técnicas psicanalíticas, como a associação livre, atenção flutuante e a adaptação da técnica do brinqueado para crianças hospitalizadas. Além disso, ressalta-se a necessidade de estabelecer padrões éticos para a prática analítica no hospital. A psicanálise emerge como um elemento vital na humanização do cuidado, oferecendo suporte emocional e promovendo uma compreensão mais profunda da subjetividade do paciente, alinhando-se à visão de Freud sobre a expansão e consolidação da psicanálise em diversos campos do conhecimento. Este estudo contribui para a compreensão contemporânea do papel da psicanálise no ambiente hospitalar e destaca sua relevância na saúde mental do século XXI.

**Palavras-chave:** Psicanálise Hospitalar, Psicologia Hospitalar, Técnicas Psicanalíticas.

### 1 INTRODUÇÃO

O crescente reconhecimento da importância dos aspectos psicológicos no contexto hospitalar tem suscitado um interesse crescente na integração da psicanálise como ferramenta terapêutica complementar. Este trabalho se propõe a realizar uma análise qualitativa e descritiva dos últimos 10 anos, explorando a presença e a atuação da psicanálise no ambiente hospitalar. A pesquisa baseia-se em uma extensa revisão bibliográfica, abrangendo livros e artigos científicos provenientes de indexadores renomados, como a Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO) e o Google Acadêmico, além de revistas, periódicos, dissertações e teses.

A atuação da psicanálise no ambiente hospitalar traz consigo desafios e nuances específicas que se diferenciam do setting terapêutico tradicional. Este estudo aborda não apenas a teoria por trás da presença da psicanálise no contexto hospitalar, mas também explora as técnicas aplicadas pelos profissionais, considerando a complexidade dos casos, a

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Psicologia pela Faculdade Pitágoras Ipatinga- Campus Cidade Nobre (2021). Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Clínica, sendo também especialista em Psicologia Hospitalar e da Saúde pela Faculdade Iguazu.  
ISSN: 2966-4705

necessidade de adaptação das técnicas tradicionais e a importância da colaboração multidisciplinar.

Ao mergulhar na interseção entre a psicanálise e a medicina, buscamos compreender como a psicanálise pode contribuir para o cuidado integral do paciente, centrando-se na subjetividade do sujeito em meio ao adoecimento. Exploramos, assim, não apenas a aplicação das técnicas psicanalíticas convencionais, como a associação livre e a atenção flutuante, mas também as adaptações necessárias para atender às demandas específicas do ambiente hospitalar, tais como a utilização da técnica do brinquedo em crianças hospitalizadas.

Este trabalho também destaca a importância da psicanálise na promoção da saúde mental não apenas dos pacientes, mas também da equipe multidisciplinar. A análise inclui reflexões sobre como a psicanálise pode oferecer suporte emocional tanto aos pacientes quanto aos profissionais de saúde, respeitando as particularidades e limitações impostas pelo ambiente hospitalar.

Ao adentrar o século XXI, o papel da psicanálise no contexto hospitalar evoluiu, e sua presença tornou-se uma realidade estabelecida em diversas áreas. No entanto, a expansão dessa prática requer uma cuidadosa consideração ética e teórica, conforme previsto por Freud, para garantir que os princípios psicanalíticos sejam preservados e aplicados de maneira eficaz e ética em um ambiente tão complexo quanto o hospitalar. Este estudo busca contribuir para o entendimento dessa evolução, analisando as múltiplas dimensões da atuação da psicanálise no contexto hospitalar nos últimos anos.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 Metodologia**

Esse trabalho previu uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo e descritivo, que pretendeu como fontes, além de livros da área, artigos científicos que foram buscados em indexadores como Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO) e Google Acadêmico, revistas, periódicos, dissertações e teses dos últimos 10 anos, com buscas que foram utilizados os seguintes descritores: Psicanálise Hospitalar, Psicologia Hospitalar, Técnicas Psicanalíticas.

## 2.2 Resultados e Discussão

Antes de discorrer sobre a entrada da psicanálise no ambiente hospitalar, é crucial realizar uma breve exposição sobre a aplicação da psicologia nesse contexto específico. Segundo as diretrizes do manual de psicologia hospitalar de Alfredo Simonetti (2004), o propósito dessa abordagem é compreender e tratar os aspectos psicológicos ligados ao adoecimento. Em outras palavras, a psicologia hospitalar assume a responsabilidade de atender aos fatores psicológicos inerentes às enfermidades, dado que toda e qualquer condição de saúde apresenta componentes psicológicos intrínsecos e está impregnada de subjetividades. Portanto, essa perspectiva ressalta a importância da atenção aos elementos psicológicos dentro do ambiente hospitalar, destacando o comprometimento da psicologia hospitalar na gestão e compreensão das complexidades emocionais relacionadas às doenças.

O foco da psicologia hospitalar é o aspecto psicológico em torno do adoecimento. Mas aspectos psicológicos não existem soltos no ar, e sim estão encarnados em pessoas; na pessoa do paciente, nas pessoas; da família, e nas pessoas da equipe de profissionais. A psicologia hospitalar define como objeto de trabalho não só a dor do paciente, mas também a angústia declarada da família, a angústia disfarçada da equipe e a angústia geralmente negada dos médicos (SIMONETTI, 2004, p18).

A psicologia hospitalar é como um farol na escuridão. Ela não promete curar a doença, mas oferece um caminho a seguir, sua peculiaridade reside em não estabelecer uma meta pré-determinada para o paciente alcançar, mas sim em iniciar um processo de elaboração simbólica do adoecimento. Numa abordagem alternativa, o psicólogo hospitalar age como um facilitador na jornada do paciente, oferecendo um suporte que vai além da simples escuta e amparo. Sua atuação visa proporcionar auxílio no enfrentamento do caminho percorrido pelo paciente em relação ao seu sintoma, promovendo uma abordagem que transcende as expectativas tradicionais. Em essência, o profissional atua como um guia sensível e capacitado a compreender e apoiar o paciente durante a experiência do adoecimento, empregando uma metodologia que reconhece a importância da elaboração simbólica nesse contexto específico (SIMONETTI, 2004).

Moretto (2019) defende que a junção da psicanálise com a medicina pode ser muito benéfica para os pacientes. Em contraste com a crença de muitos profissionais, a psicanálise pode, sim, ser aplicada fora do consultório terapêutico. No âmbito hospitalar, por exemplo, a psicanálise pode realizar um trabalho excelente em conjunto com toda a equipe

multidisciplinar, por meio de sua compreensão da mente humana, a psicanálise pode ajudar os pacientes a lidar com o estresse, a ansiedade e o medo associados à doença. Além disso, a psicanálise pode auxiliar os profissionais de saúde a lidar com os desafios do trabalho hospitalar.

É importante destacar que a psicanálise entrou no hospital por conta própria, como uma intrusa. A medicina, quando se deparava com a subjetividade do paciente, que não era de sua competência tratar, simplesmente o mandava embora, para o consultório do analista, ou seja a psicanálise conquistou seu espaço no hospital, apesar da resistência da medicina que, focada no tratamento da doença, não estava preparada para lidar com a subjetividade do paciente, logo a psicanálise chegou ao hospital para preencher uma lacuna deixada pela medicina, levando em conta os aspectos subjetivos dos pacientes hospitalizados (SIMONETTI, 2018).

A medicina cuida do paciente, ninguém pode duvidar disso, mas, como uma mãe zelosa, às vezes superprotetora, pode acabar sufocando o filho com seu amor. De um ponto de vista psicanalítico, pode-se dizer que a medicina cuida do paciente embora não cuida do sujeito (SIMONETTI, 2018, p.57).

Assim, fica claro que o objetivo do psicanalista no hospital é compreender a subjetividade do paciente. O analista, ao identificar uma necessidade não atendida pela medicina, decidiu ingressar no hospital por conta própria, com o propósito de oferecer um tratamento que leve em conta os aspectos subjetivos da experiência humana. Embora sua presença nem sempre seja valorizada pelos médicos, a participação do psicanalista é fundamental para a medicina, pois pode contribuir para uma compreensão mais completa do paciente e para um tratamento mais eficaz e até mesmo contribuindo para uma medicina mais humanizada (SIMONETTI, 2018).

Importa salientar que a psicanálise hospitalar não busca substituir o papel do médico; pelo contrário, visa operar em simultaneidade. Enquanto o médico concentra sua atenção no corpo, local onde a doença se manifesta e que é objeto de sua especialização, a psicanálise direciona seu foco à subjetividade do paciente. Nesse sentido, ela reintegra o indivíduo ao seu verdadeiro lugar, aquele muitas vezes obscurecido pela abordagem científica. Em outras palavras, a psicanálise reconhece a importância de ouvir o relato do paciente sobre sua enfermidade, empreendendo uma escuta ativa e acolhedora para lidar com todas as angústias provenientes do processo de adoecimento. Essa abordagem complementar reconhece a dualidade entre o enfoque físico-médico e o aspecto subjetivo-psicológico, ambos cruciais no

ISSN: 2966-4705 445-457p.

cuidado integral ao paciente (MORETTO, 2019).

Em linhas gerais, a função do psicanalista no hospital é semelhante à exercida em um consultório particular. No entanto, existem diferenças significativas devido às peculiaridades do ambiente hospitalar, destacando-se a complexidade dos casos, pois os pacientes costumam enfrentar doenças graves, traumas físicos ou emocionais agudos, além de situações de crise. Essa realidade exige uma adaptação das técnicas psicanalíticas tradicionais para atender às necessidades específicas desses pacientes. A abordagem convencional deve ser ajustada para lidar com as particularidades e intensidades presentes no ambiente hospitalar, onde as demandas emocionais e psicológicas podem ser mais urgentes e complexas. Essa flexibilidade e adaptação são essenciais para proporcionar um suporte eficaz e personalizado aos indivíduos que enfrentam desafios de saúde significativos no hospital (MACHADO; CHATELARD, 2013).

Outro exemplo ilustrativo é a abordagem multidisciplinar, em que o psicanalista no ambiente hospitalar colabora em conjunto com uma equipe diversificada de profissionais da saúde, incluindo médicos, enfermeiros, assistentes sociais e psiquiatras. Essa cooperação é de suma importância para proporcionar uma assistência integrada aos pacientes. Além disso, é válido mencionar as restrições de espaço, uma vez que o ambiente hospitalar pode não oferecer as mesmas condições de privacidade presentes em consultórios particulares. Os atendimentos podem ocorrer em locais improvisados, como corredores ou salas compartilhadas, o que demanda uma habilidade adaptativa por parte do psicanalista. Essa capacidade de se ajustar a diferentes contextos ressalta a flexibilidade essencial para enfrentar os desafios específicos do ambiente hospitalar, onde as circunstâncias frequentemente exigem respostas ágeis e adaptativas (MACHADO; CHATELARD, 2013).

Outro fator a ser considerado é a imprevisibilidade e emergência dos atendimentos no hospital. Os pacientes podem chegar a qualquer momento, com qualquer tipo de problema, e o psicanalista precisa estar preparado para intervir de forma rápida e eficaz. Isso requer flexibilidade, adaptabilidade e capacidade de lidar com situações estressantes, ou seja, os atendimentos no hospital podem ser como uma tempestade repentina. O psicanalista precisa estar preparado para enfrentar o vento e a chuva, e para ajudar os pacientes a se protegerem (MACHADO; CHATELARD, 2013).

Além disso, o psicanalista no hospital também pode ser chamado a atender familiares. Esses familiares, muitas vezes, estão sob grande estresse e ansiedade devido à situação de saúde do paciente. O psicanalista pode oferecer a eles escuta, apoio e orientação, contribuindo

para que eles possam lidar melhor com essa situação difícil, dinâmica esta que requer do profissional não apenas competência técnica, mas também sensibilidade para lidar com as complexidades emocionais presentes nas situações de crise e urgência hospitalar (MACHADO; CHATELARD, 2013).

Moretto (2019) afirma que a psicanálise está se tornando cada vez mais presente nas instituições de saúde, contribuindo de forma significativa para o entendimento e tratamento de questões psicológicas e emocionais. No entanto, a autora destaca que a atuação da psicanálise nesses espaços é influenciada por dois fatores: a disponibilidade e interesse dos próprios psicanalistas e a abertura das instituições à abordagem psicanalítica.

O psicanalista no hospital se afasta das normas e padrões adotados pelas técnicas convencionais. Ele encontra à sua disposição um conjunto limitado de utensílios e materiais. Além da ausência do tradicional divã, muitas vezes faltam salas para o atendimento ou, embora elas existam, os atendimentos podem também ocorrer nos corredores ou escadarias do hospital. Em função dessas variedades, o psicanalista no hospital constantemente se depara com situações imprevisíveis, mas que, ao mesmo tempo, convocam seu trabalho [...] para que esse trabalho seja possível, é preciso contar com a criatividade do analista; com a capacidade de produzir recursos simbólicos para a instauração dos dispositivos analíticos, visto que tais recursos são precários no hospital [...] o que legitima o trabalho analítico no hospital é o próprio psicanalista, que deve sustentar a existência do inconsciente a partir dos próprios dispositivos psicanalíticos. Para cada analista, trata-se de reinventar os meios para a instalação desses dispositivos, no particular de cada caso (MACHADO; CHATELARD, 2013, p.148-149).

A psicanálise é uma disciplina clínica centrada na análise da linguagem. Por isso, as produções da fala do sujeito são um elemento crucial na compreensão da realidade psíquica do indivíduo. No contexto hospitalar, onde o paciente está enfrentando uma situação de crise, a fala pode ser ainda mais importante. Ela pode ser uma forma de o paciente dar sentido ao que está acontecendo, de expressar suas emoções e de buscar apoio (FIGUEIREDO, 1997).

A psicanálise no hospital pode ajudar o paciente a desenvolver sua capacidade de expressão verbal. Isso pode ser feito por meio de diferentes técnicas, como: A escuta atenta, onde o psicanalista oferece ao paciente um espaço seguro para que ele possa falar livremente; A interpretação, que visa ajudar o paciente a compreender o significado de sua fala e, a associação livre, onde o paciente é convidado a falar sobre qualquer coisa que lhe venha à mente, sem censura. Dado que o pacto analítico envolve um compromisso vital com a comunicação verbal, e a psicanálise se concentra na análise da linguagem, a promoção da expressão verbal emerge como uma condição primordial para a prática terapêutica. Através da escuta atenta, a linguagem se desenvolve e adquire significado, destacando-se como elemento

central no processo analítico no ambiente hospitalar (FIGUEIREDO, 1997).

Nesse contexto, é evidente que o estímulo à associação livre é uma prática incentivada pelo psicanalista hospitalar, pois por meio dela é possível captar os reflexos do inconsciente do paciente. A associação livre, uma técnica central na psicanálise, implica que o analista encoraje o paciente a expressar-se sem restrições, discorrendo livremente sobre pensamentos, sentimentos e associações durante as sessões. Essa abordagem visa proporcionar a manifestação do inconsciente por meio da linguagem. Ao adotar essa prática, o analista pode dedicar uma escuta atenta, identificando os "efeitos do inconsciente" presentes nas palavras e expressões do paciente. Essa análise revela desejos reprimidos, conflitos internos e questões emocionais profundas. Assim, a associação livre se consolida como uma ferramenta indispensável na psicanálise, desempenhando um papel crucial na exploração e compreensão dos aspectos inconscientes da psicologia do paciente (FREUD, 1975).

Freud (1975) afirma que a associação livre é uma técnica que permite ao paciente expressar seus pensamentos e sentimentos de forma livre e espontânea. Isso ajuda o paciente a se conectar com seu inconsciente e a compreender melhor suas próprias emoções. A associação livre também ajuda o paciente a manter um vínculo com a realidade atual. Isso ocorre porque o paciente é convidado a falar sobre o que está acontecendo em sua vida no momento presente. Além disso, ela ajuda o psicanalista a compreender a estrutura da neurose do paciente. Isso ocorre porque o psicanalista pode identificar padrões e temas recorrentes na fala do paciente. Por fim, a associação livre ajuda a prevenir que o paciente ou o psicanalista projetem suas próprias expectativas ou desejos no tratamento. Isso acontece porque o psicanalista não interfere na fala do paciente, permitindo que ele expresse livremente seus pensamentos e sentimentos.

Desta forma, entende-se que a técnica da associação livre é uma ferramenta essencial da psicanálise, que permite ao paciente expressar seus pensamentos e sentimentos inconscientes por meio da fala. No entanto, essa técnica pode ser desafiadora para crianças, que ainda estão em desenvolvimento da linguagem e da capacidade de autoexpressão. A técnica do brinquedo, desenvolvida por Melanie Klein, é uma adaptação da associação livre para crianças. Ela é baseada na ideia de que as crianças podem expressar seus pensamentos e sentimentos inconscientes de maneira simbólica através de brinquedos, desenhos e histórias, em outras palavras, a técnica do brinquedo é como uma ponte que liga a associação livre, que é uma técnica usado com adultos, ao mundo infantil (KLEIN, 1982).

A hospitalização é uma experiência que pode ser muito traumática para crianças,

especialmente aquelas que estão hospitalizadas pela primeira vez. A perda de controle sobre o próprio corpo e o ambiente, a separação dos pais e familiares, e a exposição a procedimentos médicos dolorosos podem gerar sentimentos de medo, ansiedade e desamparo, uma vez que não se trata apenas de perder o espaço e os familiares, mas também sobre perder a sensação de segurança e de estar conectado com o mundo. Isso pode trazer à tona memórias de experiências anteriores de perda e separação (GRISANTI, 2003).

O hospital pode ser um lugar tão assustador para crianças que elas podem se sentir como se estivessem voltando ao útero da mãe, o que pode gerar uma regressão na personalidade da criança e ativar conteúdos emocionais arcaicos, essa regressão pode ser uma forma de defesa da criança, que está tentando se proteger do estresse e da ansiedade da hospitalização. O sofrimento das crianças hospitalizadas, muitas vezes, passa despercebido pelos pais e profissionais de saúde. Isso ocorre porque as crianças podem não expressar suas emoções de forma verbal. Elas podem, por exemplo, se comportar de forma agressiva ou regressiva, ou podem ter problemas para dormir ou comer. Portanto, a formação de grupos terapêuticos com abordagem lúdica pode ser benéfica, ajudando a reduzir a ansiedade, melhorar a autoestima, aumentar a conscientização da imagem corporal e fortalecer as relações familiares e sociais (GRISANTI, 2003).

Nesse contexto, é evidente que a prática lúdica, especificamente a técnica do brincar, embora inicialmente possa parecer desprovida de sentido ou conexão aparente, desempenha uma função crucial na expressão e catarse desses sentimentos. Isso auxilia a criança a enfrentar a ansiedade e a aprimorar suas interações com os profissionais de saúde e os procedimentos médicos. Como consequência dessa abordagem técnica, observa-se uma melhoria significativa na qualidade de vida das crianças hospitalizadas (GRISANTI, 2003).

A associação livre para os adultos ou, a técnica do brincar para as crianças é uma técnica poderosa que permite ao paciente acessar seu inconsciente. No entanto, para que ela seja eficaz, o psicanalista precisa praticar a atenção flutuante. Pode-se dizer que a associação livre é como uma janela que se abre para o inconsciente do paciente e a atenção flutuante é como a luz que ilumina essa janela. Sem a luz da atenção flutuante, o analista não seria capaz de ver o que está acontecendo dentro do inconsciente do paciente, ou seja, a atenção flutuante é uma atitude de escuta aberta e receptiva, que permite ao analista captar os significados inconscientes da fala do paciente (BARRETO, 2020).

A atenção flutuante é uma habilidade que requer prática. É importante que o analista esteja disposto a estar aberto e receptivo ao que o paciente tem a dizer. O analista que pratica

a atenção flutuante não se concentra nos pensamentos e sentimentos conscientes do paciente. Em vez disso, ele permite que sua mente vagueie livremente, enquanto ouve o paciente falar. Essa atitude de abertura e receptividade permite ao analista identificar padrões e temas recorrentes na fala do paciente, que podem revelar aspectos inconscientes da sua personalidade, sendo uma abordagem valiosa para explorar e compreender a mente inconsciente do indivíduo hospitalizado. (BARRETO, 2020).

Para exemplificar melhor, podemos dizer que a atenção flutuante é como uma janela para o inconsciente. O analista é como um observador silencioso, que se senta à beira da janela e aguarda pacientemente que as imagens apareçam. As imagens podem ser claras ou turvas, coerentes ou desconexas. O analista não julga, simplesmente observa. Ele permite que sua mente flutue, seguindo as imagens conforme elas se movem, à medida que o analista observa, ele começa a perceber padrões. Ele pode ver como as imagens se relacionam entre si, e como elas revelam a história do paciente. Esta técnica é uma ferramenta poderosa que pode ajudar o analista a compreender o inconsciente do paciente. Ela é uma jornada de autodescoberta, que pode levar o paciente a uma compreensão mais profunda de si mesmo (BARRETO, 2020).

O psicanalista no hospital é um detetive do inconsciente, que busca compreender as causas dos comportamentos disfuncionais dos pacientes e da equipe, ou seja, as demandas podem surgir tanto do paciente quanto da equipe. Logo, além de interagir com os pacientes, o psicanalista pode também perceber conflitos e necessidades dentro da própria equipe. Nesses casos, o psicanalista pode oferecer suporte à equipe, a fim de melhorar a comunicação e a colaboração entre os profissionais (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2014).

Em relação as demandas provenientes da equipe multidisciplinar, ela pode solicitar a intervenção do psicanalista quando identifica comportamentos disfuncionais nos pacientes e o psicanalista pode ajudar a equipe a compreender as causas desses comportamentos, a fim de desenvolver estratégias de intervenções adequadas. As intervenções do psicanalista em relação às demandas do paciente servem para ajudar o paciente a compreender as causas de suas dificuldades, a desenvolver estratégias de enfrentamento e a melhorar sua qualidade de vida. Ao manter uma abordagem psicanalítica sensível, o psicanalista pode contribuir para a criação de um ambiente hospitalar mais humanizado e acolhedor (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2014).

Dessa forma, cabem muitas outras ferramentas, como dar voz ao paciente, o que ajuda a aliviar sua angústia. Há vezes até mesmo em que o silêncio é suficiente para auxiliar um paciente [...] Há outras vezes que o analista pode assumir um papel semelhante ao de um educador, ajudando o paciente a desfazer alguns mitos e retirando significados patológicos de algumas experiências, permitindo o surgimento

de novas significações, mais sadias, que colaborem para a obtenção de uma homeostase interior (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2014 p.162).

Em sua obra "Linhas de Progresso da Terapia Psicanalítica" ([1919-1918] 2000), Freud antecipou a expansão da psicanálise para diversos campos do conhecimento, destacando a necessidade de adaptar seus princípios às novas realidades. Hoje, podemos observar que esse movimento de ampliação e consolidação da psicanálise, conforme previsto por Freud, efetivamente se concretizou nos dias atuais.

A psicanálise é como uma árvore que cresce e se ramifica. Ela se espalha por diversos campos do conhecimento, mas suas raízes permanecem fortes. A formalização da psicanálise é como o tronco dessa árvore, que fornece suporte e estabilidade para seu crescimento. Ela foi desenvolvida por Sigmund Freud como uma abordagem terapêutica que busca compreender o funcionamento da mente inconsciente. Inicialmente era aplicada no consultório, com pacientes que apresentavam transtornos mentais. No entanto, ao longo do tempo, a psicanálise se expandiu para outros campos do conhecimento, incluindo o âmbito hospitalar. Essa expansão foi prevista por Freud, que acreditava que a psicanálise poderia contribuir para a compreensão e o tratamento de diversos problemas, incluindo os relacionados à saúde física e mental.

A expansão da psicanálise para o hospital trouxe consigo a necessidade de formalizar a prática analítica. Isso significa que, à medida que a psicanálise se tornou mais amplamente aplicada em diferentes contextos, houve uma necessidade crescente de estabelecer padrões e diretrizes mais claros para a prática, a fim de manter a integridade dos princípios psicanalíticos e garantir que a psicanálise seja aplicada de maneira ética e eficaz, uma vez que, a psicanálise no hospital apresenta alguns desafios, como a necessidade de adaptar a prática psicanalítica às especificidades do contexto hospitalar. Outro desafio é a necessidade de trabalhar em equipe com profissionais de outras áreas, como a medicina, a enfermagem, serviço social e toda equipe multidisciplinar. Apesar dos desafios, a psicanálise no hospital é uma área promissora de atuação para os psicólogos que trabalham com viés psicanalítico, permitindo que estes apliquem seus conhecimentos e habilidades para contribuir para a melhoria da vida das pessoas, em outras palavras podemos exemplificar que a psicanálise no hospital é como um jardim que floresce no meio do caos. Ela oferece um espaço de paz e reflexão, onde os pacientes podem se conectar com sua própria essência (MACHADO; CHATELARD, 2013).

### 3 CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa, adentramos nas intrincadas interfaces entre a psicanálise e o contexto hospitalar, explorando a expansão e evolução dessa abordagem psicológica ao longo dos últimos 10 anos. O objetivo primordial foi compreender o papel crucial desempenhado pela psicanálise no ambiente hospitalar, destacando não apenas os desafios enfrentados, mas também as contribuições significativas para o entendimento e tratamento das dimensões psicológicas inerentes ao adoecimento.

A análise qualitativa empreendida revelou uma rica tapeçaria de experiências, tanto para os pacientes quanto para os profissionais de saúde, quando a psicanálise é integrada ao contexto hospitalar. Ficou evidente que a abordagem psicanalítica não se restringe ao tradicional consultório terapêutico, mas encontra espaço e relevância na complexidade dos ambientes hospitalares, preenchendo lacunas deixadas pela medicina convencional.

O título escolhido, "A Expansão da Psicanálise no Contexto Hospitalar: Uma Análise Qualitativa dos Últimos 10 Anos," reflete adequadamente a essência desta pesquisa, que buscou não apenas documentar a presença da psicanálise nas instituições de saúde, mas também compreender as transformações e adaptações necessárias para seu efetivo desdobramento.

Ao longo da revisão bibliográfica, pudemos perceber como a psicanálise, inicialmente considerada uma intrusa no ambiente hospitalar, conquistou seu espaço, contribuindo para uma compreensão mais completa do paciente e para a humanização da prática médica. A atenção à subjetividade do paciente, o estímulo à expressão verbal, a utilização da associação livre e da técnica do brinquedo para crianças emergiram como ferramentas essenciais na abordagem psicanalítica hospitalar.

Além disso, a pesquisa revelou o papel do psicanalista como um detetive do inconsciente, não apenas no atendimento direto aos pacientes, mas também na colaboração com a equipe multidisciplinar. A atenção flutuante e a capacidade de adaptabilidade a contextos imprevisíveis destacaram-se como habilidades cruciais para o sucesso dessa abordagem no ambiente hospitalar.

Este estudo não apenas confirmou a previsão de Freud sobre a expansão da psicanálise para diversos campos do conhecimento, mas também ressaltou a importância de formalizar a prática analítica diante das novas realidades. A psicanálise no hospital, longe de ser uma entidade estática, revelou-se como um jardim que floresce no meio do caos, oferecendo um

espaço de paz e reflexão para pacientes, familiares e profissionais de saúde.

Em síntese, esta pesquisa não apenas documenta o estado atual da psicanálise no contexto hospitalar, mas lança um olhar prospectivo para o futuro, destacando a necessidade contínua de adaptação, pesquisa e diálogo interdisciplinar. O legado da psicanálise no ambiente hospitalar é, indiscutivelmente, uma contribuição substancial para uma abordagem mais integral e humanizada à saúde.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, Ricardo Azevedo. **Liberdade e associação livre em um mundo coisificado: humanização como a arte do encontro psicanalítico**. Estud. psicanal., Belo Horizonte , n. 53, p. 57-63, jun. 2020 .

Disponível em  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372020000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372020000100007&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 03 set. 2023.

FIGUEIREDO, A. (1997) **Vastas confusões e atendimentos imperfeitos**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará

FREUD, S. **Linhas de progresso na terapia psicanalítica 1919 [1918]**. In: \_\_\_\_\_ . Uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1918). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2000. (Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17). [CD-ROM]. Versão 2.0.

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Um estudo autobiográfico. Inibições, sintomas e ansiedade. A questão da análise leiga e outros trabalhos / coordenação editorial de Pedro Paulo de Sena Madureira**. Imago, f. 176, 1975. 351 p.

GRISANTI, Rosangela Sanchez; LANGE, Elaine Soares Neves; RIBEIRO, Elen Aparecida. **A criança acidentada atendida no hospital um estudo psicanalítico do imaginário infantil**. Psic, São Paulo , v. 4, n. 2, p. 44-55, dez. 2003 .

Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-73142003000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142003000200007&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 03 set. 2023.

Klein, M. (1982). **A técnica psicanalítica do brinquedo: sua história e significado**. In: F. A. Herrmann, & A. A. Lima (Orgs.). *Novas tendências da psicanálise* (pp. 117- 136). São Paulo: Ática. (Originalmente publicado em 1955).

MACHADO, Maíla Do Val; CHATELARD, Daniela Sheinkman. **A psicanálise no hospital: dos impasses às condições de possibilidades**. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 16, p. 135-150, 2013.

MORETTO, Maria Livia Tourinho. **O que pode um analista no hospital?..** 4 ed.

Belo Horizonte: Artesã, f. 109, 2019. 217 p.

OLIVEIRA, Walter Lisboa; RODRIGUES, Avelino Luiz. **Sobre a prática psicanalítica em enfermarias hospitalares.** Estud. psicanal., Belo Horizonte , n. 41, p. 157-165, jul. 2014 . Disponível em

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372014000100016&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372014000100016&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 03 set. 2023.

SIMONETTI, Alfredo. **A Cena Hospitalar:** psicologia médica e psicanálise. 1 ed. Belo Horizonte: Artesã, 2018. 220 p. (Clínica Psicanalítica).

SIMONETTI, Alfredo. **Manual de Psicologia Hospitalar:** O Mapa da Doença. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, v. 1, f. 108, 2004. 216 p.